

## CONDUTAS VIOLENTAS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

**FERNANDO SILVA GUIMARAES<sup>1</sup>; THAYNÃ RAMOS FLORES<sup>2</sup>; ANDRÉA HOMSI DÂMASO<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas – [guimaraes\\_fs@outlook.com](mailto:guimaraes_fs@outlook.com)

<sup>2</sup> Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas – [floresrthayna@gmail.com](mailto:floresrthayna@gmail.com)

<sup>3</sup> Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas – [andreadamaso.epi@gmail.com](mailto:andreadamaso.epi@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A violência é definida como “*uso intencional de força física ou poder (sendo que o poder compreende atos negligentes (falta de cuidado) e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, assim como suicídio e outras ações auto-abusivas), de forma ameaçada ou não, contra si mesmo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que possui alta probabilidade de resultar em lesões, morte, danos psicológicos ou privação*” (KRUG et al, 2002). Nesse sentido, comportamentos de risco em estudantes universitários têm sido alvo de discussão na literatura (FARIA et al, 2014; CAMPOS et al, 2016), visto que a autonomia dos jovens que vivem em ambiente universitário implica diretamente na adoção de condutas tanto positivas quanto negativas em relação a saúde (CAMPOS et al, 2016). Dentre estas, as condutas violentas possuem um importante papel em saúde pública, uma vez que o conhecimento da frequência destes comportamentos em populações permite o planejamento de estratégias preventivas, assim como políticas de incentivo a redução de comportamentos violentos (BRASIL, 2001).

No Brasil, estudos sobre o comportamento violento em estudantes universitários ainda são escassos. Embora poucos trabalhos tenham avaliado alguns domínios de comportamento violento em estudantes universitários (COLARES et al, 2009; FARIA et al, 2014; BELEM et al, 2016), o presente estudo acrescenta variáveis relacionadas a conduta violenta, as quais já foram utilizadas em um estudo longitudinal no país (MURRAY et al, 2015). Ainda, o presente trabalho utilizou amostragem do tipo censo, ao contrário dos estudos já realizados no Brasil (COLARES et al, 2009; FARIA et al, 2014; CAMPOS et al, 2016; BELEM et al, 2016; NETO, 2016). Assim, o objetivo deste estudo foi descrever a prevalência de comportamentos violentos e sua relação com variáveis sociodemográficas, em estudantes ingressantes na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no primeiro semestre de 2017.

### 2. METODOLOGIA

Estudo transversal, do tipo censo, realizado com estudantes, maiores de 18 anos de idade, que ingressaram na UFPel no primeiro semestre de 2017 em cursos presenciais de graduação, devendo estar regularmente matriculados. A coleta foi realizada por questionário autoaplicado e anônimo com o auxílio de tablets, utilizando o programa *Research Electronic Data Capture* (RedCap). O comportamento violento foi mensurado a partir de questionário padronizado já utilizado no Brasil em estudo longitudinal (MURRAY et al, 2015), contemplando perguntas sobre número de vezes em que o indivíduo bateu em pessoas com intenção de machucar, realizou roubo de dinheiro ou objetos de outra pessoa e se nestes roubos usou força ou violência. Também foi questionado o número de

vezes que o aluno carregou faca ou outra arma para se proteger ou brigar. Todas as variáveis tiveram um tempo recordatório de 12 meses. Os desfechos foram dicotomizados em “Não” para nenhuma vez e “Sim” para 1 ou mais vezes. Utilizou-se regressão de Poisson para obter as razões de prevalência com seus respectivos intervalos de confiança 95% (IC95%) e valores p na análise bruta e ajustada entre os desfechos e as variáveis sexo, idade, cor da pele e tipo de escola do ensino médio. As análises estatísticas foram conduzidas no programa STATA 15.1. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel e todos participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados 1.871 estudantes elegíveis para o estudo, sendo a maioria do sexo feminino (54,8%), com 18 a 24 anos (82,8%), de cor de pele branca (72,1%) e tendo realizado, na maior parte do tempo, ensino médio em escola pública (73,1%). Dentre os universitários, cerca de 8,0% relataram ter batido em outras pessoas com intenção de machucar, 2,0% realizou roubo de dinheiro ou objetos de desconhecidos e, dentre estes (n=39), 46% utilizou força ou violência nesses roubos. Ainda, 9,7% carregaram faca ou outra arma para se proteger ou brigar. Houve associação estatisticamente significativa entre a variável “carregar faca ou arma para se proteger ou brigar” e as variáveis sexo biológico, idade e cor da pele, tanto na análise bruta quanto na ajustada. Para a variável tipo de escola, não houve associação com os desfechos em ambos tipos de análise. Tanto na análise bruta como na ajustada, universitários tiveram probabilidade 7% maior de portar arma ou faca para se proteger ou brigar quando comparado às universitárias, assim como aqueles com 25 anos ou mais tiveram probabilidade 5% menor do mesmo comportamento quando comparado aos estudantes com idade entre 18 e 24 anos. Em relação a variável cor da pele, houve associação significativa para o desfecho “porte de arma de fogo ou faca para se proteger ou brigar” tanto na análise bruta ( $p=0,02$ ) quanto para análise ajustada ( $p=0,01$ ). Para as demais variáveis (bater com intenção de machucar e realizar roubo ou furto de objetos) não houve associação estatisticamente significativa em ambos tipos de modelo.

Em relação ao porte de arma ou faca e sexo biológico, o resultado concorda com estudos anteriores (COLARES et al, 2009; BELEM et al, 2016), os quais demonstraram menor frequência de porte de arma ou faca em estudantes do sexo feminino. De modo geral, indivíduos do sexo masculino apresentam maior frequência de comportamentos de risco comparado as mulheres o que pode estar relacionado ao encorajamento de uma sociedade machista ocidental (COLARES et al, 2009), assim como maior predisposição dos homens a tomar decisões de risco (MOFFIT, 1993). No que diz respeito a idade, indivíduos mais jovens possuem maior probabilidade de adotar esta conduta violenta, o que pode estar relacionado com a pré-disposição a impulsividade (ROMER, 2010). De forma mais ampla, indivíduos mais jovens adotam comportamentos de risco com maior frequência quando comparados a faixas etárias maiores, sendo preocupante já que os comportamentos de risco quando adotados de maneira precoce podem ser perpetuados para o resto da vida do indivíduo (COLARES et al, 2009).

**Tabela 1.** Análise de associação entre as variáveis sociodemográficas com os comportamentos violentos em amostra de universitários ingressantes no primeiro semestre de 2017 na UFPel (n=1.871).

Variáveis Independentes	Bater com intenção de machucar		Roubar ou furtar objetos		Carregar faca ou arma para proteção ou briga	
	RP (IC95%)		RP (IC95%)		RP (IC95%)	
	Bruto	Ajustado	Bruto	Ajustado	Bruto	Ajustado
<b>Sexo</b>	p=0,03	p=0,03	p=0,74	p=0,84	<b>p=0,01</b>	<b>p=0,01</b>
Feminino	Referência		Referência		Referência	
Masculino	1,02 (1,00;1,04)	1,02 (1,00;1,04)	0,99 (0,98;1,01)	0,99 (0,98;1,01)	1,07 (1,05;1,10)	1,07 (1,05;1,10)
<b>Idade</b>	p=0,04	p=0,02	p=0,22	p=0,16	<b>p=0,01</b>	<b>p=0,01</b>
18 a 24	Referência		Referência		Referência	
25 ou mais	0,97 (0,94;0,99)	0,96 (0,94;0,99)	0,99 (0,97;1,00)	0,99 (0,97;1,00)	0,95 (0,92;0,97)	0,95 (0,92;0,97)
<b>Cor da pele</b>	p=0,09	p=0,11	p=0,21	p=0,17	<b>p=0,02</b>	<b>p=0,01</b>
Branca	Referência		Referência		Referência	
Preta	1,03 (0,99;1,07)	1,03 (0,99;1,07)	1,02 (1,00;1,05)	1,02 (1,00;1,05)	1,03 (0,99;1,07)	1,04 (1,00;1,08)
Parda	1,03 (0,99;1,06)	1,02 (0,99;1,07)	0,99 (0,98;1,01)	0,99 (0,98;1,01)	1,02 (0,99;1,06)	1,03 (0,99;1,07)
Outra	1,08 (0,97;1,21)	1,08 (0,96;1,20)	1,01 (0,95;1,07)	1,01 (0,95;1,07)	1,15 (1,02;1,31)	1,14 (1,01;1,28)
<b>Tipo de escola</b>	p=0,10	p=0,79	p=0,70	p=0,56	p=0,10	p=0,12
Pública	Referência		Referência		Referência	
Privada	0,99 (0,97;1,02)	0,99 (0,97;1,02)	1,00 (0,98;1,01)	1,00 (0,98;1,01)	1,02 (0,99;1,05)	1,02 (0,99;1,05)

#### 4. CONCLUSÕES

Até o presente momento não foram encontrados trabalhos sobre comportamentos violentos em estudantes universitários ingressantes utilizando amostragem do tipo censo. Apesar do presente estudo ser suscetível a viéses como o de respondentes, que poderia subestimar as prevalências dos desfechos analisados, o trabalho pode nortear um melhor conhecimento e compreensão sobre o perfil violento de estudantes ingressantes em universidades federais, semelhantes a UFPel. Ainda, pode auxiliar no planejamento de estratégias preventivas, tais como práticas educativas (DA SILVA et al, 2016) e políticas de incentivo a redução de comportamentos violentos dentro do ambiente universitário.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRUG, E.G.; DAHLBERG, L.L.; MERCY, J.A.; ZWI, A.B.; LOZANO, R. **World report on violence and health.** OMS, 2002. Acessado em 2 set. 2018. Online. Disponível em:  
[http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en)

FARIA, Y.D.O; GANDOLFI, L.; MOURA L.B.A. Prevalência de comportamentos de risco em adulto jovem e universitário. **Acta Paulista de Enfermagem**, Brasília, v.27, n.6, p. 591-5, 2014.

CAMPOS, L.; ISENSSE, D.C.; RUCKER, T.C.; BOTTAN, E.R. Condutas de saúde de universitários ingressantes e concluintes de cursos da área da saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Itajaí, v.18, n.2, p. 17-25, 2016.

BRASIL. **Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violência.** MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001. Acessado em 28 jul. 2018. Online. Disponível em:<http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/sus-11283>

COLARES, V.; GONZALEZ, E.; FRANCA, C.D. Condutas de saúde entre universitários: diferenças entre gêneros. **Cadernos de Saúde Pública**, Recife, v. 25, n.3, p. 521-8, 2009.

BELEM, I.C.; RIGONI, P.A.G.; DOS SANTOS, V.A.P.; VIEIRA, J.L.L.; VIEIRA, L.F. Associação entre comportamentos de risco para a saúde e fatores sociodemográficos em universitários de educação física. **Motricidade**, Portugal, v. 12, n.1, p. 3-16, 2016.

MURRAY, J.; MENEZES, A.M.B.; HICKMAN, M.; MAUGHAN, B.; GALLO, E.A.G.; MATIJASEVICH, A.; GONÇALVES, H.; ANSELMI, L.; ASSUNÇÃO, M.C.F.; BARROS, F.C.; VICTORA, C.G. Childhood behaviour problems predict crime and violence in late adolescence: Brazilian and British birth cohort studies. **Social Psychiatry and Psychiatry Epidemiology**, Pelotas, v.50, n.1, p. 579-89, 2015.

NETO, E.C.D.A. **Fatores sociodemográficos e comportamentos de risco para a saúde em universitários.** 2016. 75f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Sociedade) – Curso de Pós-graduação em Saúde e Sociedade, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

MOFFIT, T.E. Adolescence-Limited and Life-Course-Persistent Antisocial Behavior: A Developmental Taxonomy. **Psychological Review**, Madison, v.100, n.4, p. 674 – 701, 1993.

ROMER D. Adolescent Risk Taking, Impulsivity, and Brain Development: Implications for Prevention. **Developmental Psychobiology**, Philadelphia, v.52, n.3, p. 263-76, 2010.

DA SILVA, P.L.; ALMEIDA, S.G.; MARTINS, A.G.; GAMBA, M.A.; ALVES, E.C.S.; JUNIOR, R.F. Práticas educativas sobre violência contra a mulher na formação de universitários. **Revista de Bioética**, Montes Claros, v.24, n.2, p. 276-85, 2016.